

ESTUDO SÔBRE A BIOLOGIA E CONSUMO DA JAÇANÃ *PORPHYRULA MARTINICA* (L.) NO ESTADO DO MARANHÃO

(Com 7 figuras)

ÁLVARO AGUIRRE

Divisão de Caça e Pesca, Rio de Janeiro

Poucas são as espécies de aves silvestres, em nosso país, que são caçadas para fins comerciais. Felizmente! Pode-se medir o grau de civilização de um povo pela capacidade de exploração racional de seus recursos naturais. Com referência à flora, no Brasil, pouco se tem feito em benefício de seu aproveitamento racional, relativamente à destruição que vem sofrendo há mais de século. Com alusão à fauna, se a sua exploração comercial atinge apenas a limitadas espécies, é porque a Natureza foi parcimoniosa na distribuição dos animais silvestres que vivem em grandes agrupamentos, tal como se verifica na América do Norte com as aves migratórias ou com os mamíferos na África e na Ásia.

Tanto quanto nos é dado conhecer, relacionamos, apenas, as seguintes espécies: as marrecas (capturadas no norte do Território do Amapá, quando estão impossibilitadas de voar por se encontrarem com a plumagem nova); a pomba do bando, "avoante" ou "arribaça" *Zenaidae auriculata chorysauchenia* Rich., caçada no Nordeste; e, a espécie que nos propuzemos estudar, a jaçanã *Porphyryula martinica* (L.), consumida em São Luiz, Estado do Maranhão. Tôdas essas aves salgadas e levadas aos centros mais populosos para consumo.

ARTUR NEIVA fêz referências, em 1940, sôbre a matança de juritis, sabiás, rôlas, tucanos, etc., na Ilha Comprida, no litoral do Estado de São Paulo, que eram salgadas e constituíam objeto de comércio, con-

forme pode-se verificar no prefácio do livro "Pássaros do Brasil" de EURICO DOS SANTOS. Supomos, no entanto, que êsse comércio não poderia ser muito intenso, pois, as espécies citadas não vivem em grandes bandos. Acreditamos, outrossim, que a fiscalização da caça exercida pelo Governo do Estado de São Paulo, tenha pôsto um paradeiro nesse nefasto negócio.

Por nossa vez, tivemos ocasião de verificar que, em São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a perdiz *Rhynchotus rufescens rufescens* (Temm.) foi industrializada, até o ano de 1935, por uma fábrica de conservas de produtos bovinos.

São estas as notícias que obtivemos sôbre o aproveitamento comercial de aves silvestres em nosso país. É possível que as mesmas apareçam esporadicamente, quer nos mercados, quer nos restaurantes das cidades do interior, mas não chega a constituir um comércio organizado.

Levada pelo instinto das migrações estacionais, a jaçanã aparece nos baixios maranhenses e é aí caçada intensivamente.

Em vista da grande matança dessa ave, superada apenas pelo extermínio das "avoantes", no nordeste, tomamos a deliberação de estudar a sua biologia e traçar normas para a preservação da espécie.

Os habitantes de S. Luis, bem como, os que vivem nos municípios vizinhos à dita capital, apreciam-na bastante, e, o arroz de jaçanã, é considerado um dos pratos regionais mais apreciados pelo maranhense.

O forasteiro que visita a referida cidade nos meses de março a novembro, surpreende-se com a quantidade de jaçanãs vendidas em estado sêco-salgado nos mercados da mencionada capital e pelos comerciantes ambulantes. É hábito vendê-las aos pares, que pesam 300 gramas em média. Em julho de 1957 o seu preço era, em S. Luís, de Cr\$ 20,00 o par e, em São Bento, Município próximo, de Cr\$ 15,00. Quando o negócio é realizado entre o intermediário e o caçador, o preço é bem mais reduzido, pois a base da transação é fixada em meio cento.

O fato curioso, é que não tivemos qualquer conhecimento a respeito desse costume maranhense através dos seus escritores ou naturalistas que estudaram a sua fauna. Assim, nem FRÓES DE ABREU, autor de "Terra das Palmeiras" (Editôra Oficina Industrial Gráfica, Rio — Ano 1931 — 1.ª edição), nem RAIMUNDO LOPES, em "Torrão Maranhense" (Boletim do Ministério do Trabalho n.º 28 a 49, anos 1936-38), fazem referências especiais à jaçanã.

Aquêl autor, à página 82, no capítulo "Notas sobre os animais silvestres de São Bento", diz: "A fauna prova ser interessantíssima. A primeira impressão era ainda a amazônia, especialmente nos próprios campos, caracterizado por *Leistes guaianensis* (não a forma cearense), *Fluvicola albiventris* e todos os pássaros aquáticos de vasta distribuição. Ao lado dêles, porém, descobri em breve *Embirizoides herbicola*, *Champelia minuta* e outras formas cearenses. As "ilhas" de mato mostram completa mistura de formas amazônicas e cearenses, de maneira que aqui já me encontro em plena transição de uma zona ornitológica para outra".

Nem mesmo a célebre naturalista EMÍLIA SNETHLAGE, que estudou as aves daquela região, faz menção particular à ave em aprêço. Provavelmente, esta falta

justifica-se por ter visitado aquelas paragens em época imprópria à caça.

Outrossim, um sobrinho seu, HEINRICH SNETHLAGE, que fez observações biológicas sôbre aves do Norte do Brasil, principalmente do Estado do Maranhão, em trabalho publicado no "Journal für Ornithologie, vol. XXV-XXVI, ano 1927-28, sob o título "Meine Reise durch Nordostbrasilien", I, II e III, em nada se referiu sôbre a intensa exploração comercial da espécie referida.

CAMPOS DO LITORAL MARANHENSE E RESPECTIVA FAUNA

Os campos do litoral maranhense que, em determinada época do ano, oferecem condições ecológicas próprias à vida da jaçanã, estão classificados pelo I.B.G.E. no sistema "Planície de Meio Norte", a qual, por sua vez, está incluída na "Grande Região do Nordeste". Abrange uma área compreendida entre o Rio Turiaçú e limites do Piauí e Ceará.

Essas planícies sedimentares abrigam uma vegetação própria das terras temporariamente alagadiças, as quais fornecem alimentação à referida espécie ornitológica, quer na fase de criação, quer na adulta. Esses campos são interrompidos por "ilhas de mato", mas comunicam-se entre si. Os principais, levando em conta a extensão dos mesmos, são: "Campos do Nambú", em São Bento e da "Barragem", em São Vicente.

RAIMUNDO LOPES, ("Torrão Maranhense" p. 11), manifesta-se sôbre este assunto com a seguinte descrição: "Os campos da baixada constituem uma das feições que definem a terra maranhense e a torna semelhante ao tipo amazônico; os campos do litoral são um simile do Baixo Amazonas e Marajó".

Dentro do aspecto geral, apresentam, em determinadas áreas, características especiais conforme acontece com os campos de junco *Cyperus articulatus* de Anajatuba, onde medra quase que exclusivamente essa Ciperácea. Outras plantas típicas do grupo hidrófilo, medram, de uma maneira geral, nos campos inundáveis acima citados e podemos relacionar as seguintes espécies: a nimfeácea chamada na região de "gapéua" *Nymphae amazonum* Mart., as gramíneas "arroz brabo" *Lu-*

DISTRIBUIÇÃO DA *Porphyra martinica* (L.) nas AMÉRICAS



Esc. 1:120.000

LITORAL MARANHENSE

Zona de criação e exploração comercial da jaçanã *P. martinica* (L.)



Desenhado por A. P. Guirre

ziola spruceana Benth. e a "canarãna" *Panicum geminatum*, a convolvulácea conhecida por "algodão brabo" *Ipomoea fistulosa* e a marantácea chamada de "fôlha", representada por duas espécies *Thalia geniculata* L. e *T. multiflora*, que têm grande importância na alimentação da ave em estudo. Nesses campos baixos que se estendem entre as florestas das terras firmes e o litoral, abrangendo cerca de 5 municípios, habita uma fauna própria das glebas revestidas do sistema florístico idêntico ao do Baixo Amazonas e Marajó, segundo o Prof. FRÓES DE ABREU citado por A.J. SAMPAIO (Phytogeographia do Brasil, p. 45, edição 1934, Cia. Edit. Nacional). Dentre as plantas flutuantes podemos ainda citar a "tripa de vaca" *Neptunia oleracea* Lour. da família Mimosacea, a "cebola" *Pontederia lanceolata*, forma *ovalis* (Mart.) Castel. e a "fortuna" *Eichonea azurea*, pertencentes à família Pontederiaceae.

Das espécies ornitológicas que vivem em comum com a jaçaná, podemos destacar, principalmente, pela sua expressiva quantidade, a japiaçoca *Parra jacana* (L.), conhecida em outras regiões por jaçaná; a piaçoca ou cafezinho (M. Grosso); a jaçaná-galo *Gallinula chloropus galeata* (Licht.), que também é objeto de comércio; o socózinho *Butorides striatus striatus* (L.), o socó-boi *Tigrisoma lineatum marmoratus* (L.); a garça branca pequena *Leucophoyx thula thula* (Molina); a garça branca *Casmerodius albus egretta* (Gm.) o carão *Aramus scolopaceus carau* Vieill., socóvaqueiro ou socózinho vermelho *Ixobrychus exilis erythromelas* (Vieill.) e várias espécies de marrecas, inclusive as que imigram da América do Norte para os banhados do litoral maranhense, principalmente para o local conhecido por Salinas, no município de Cajapió, fugindo dos rigores do inverno, permanecendo naquela localidade de fevereiro até abril.

Na cidade de São Bento verificamos, num quintal, uma dessas espécies imigradas, a *Querquedula discors*, batisada com o nome de "sará", vivendo em companhia da paturiaçú *Dendrocigna autumnalis discolor* (Scl. & Sal.) e da "paturi preta" que não tivemos ocasião de identificá-la. Tivemos conhecimento que outra marreca de procedência das regiões frias do norte da América, provavelmente, chamada de "caia" na loca-

lidade, também imigra para os banhados maranhenses.

Caçadores de São Bento informaram-nos que é hábito se encontrar anéis de alumínio nos pés dessas marrecas. Tratando-se de um assunto que sempre despertou curiosidade pelos que se interessam pelo movimento migratório das aves, somos levados a afastar-nos do objetivo em vista para prestarmos algumas notícias a respeito.

Algumas instituições científicas, marcam aves jovens de hábito migratório, com o fim de observar as respectivas áreas de distribuição zoogeográfica. Já tivemos oportunidade de remeter para êsses centros de estudos de biologia, algumas indicações de aves marcadas na América do Norte e Inglaterra, e capturadas aqui no Brasil, conforme passamos a relacionar:

1) Anilo n.º 44-823304

Nome vulgar: Gavião pescador.

Nome científico: *Pandion haliaetus carolinensis* (Gm.).

Fichada em Avalon, New Jersey em 6-7-947 e capturada em 13-3-949 na Amazônia. (Dr. Helmut Sick, na publicação "Notas sobre *Falco peregrinus anatum* Bonaparte no Brasil" Univ. do Brasil, Mus. Nac. p. 14, faz referências sobre os hábitos desse falcão).

2) Anilo B-348598

Nome vulgar: Trinta réis.

Nome científico: *Sterna hirundo hirundo* L.

Fichada em Weepeeket Island, Massachusetts em 21-6-934 e capturada na Ilha dos Imigrantes, Baía de Guanabara em 1.º de abril de 1950, conseqüentemente, quase 16 anos após.

3) Anilo AI-48.865

Nome vulgar: Grazina.

Nome científico: *Procellaria puffinus* (Brunnick).

Fichada em Skokholm (Pembrokeshire) Wales, Grã Bretanha, em 19-7-957 e capturada em 22-9-957 no Cabo Frio, Estado do Rio. Dizeres do anilo: "Inform-Brit. Museum-London S.W.7 AI-48.865".

4) Anilo 535-61679

Nome vulgar: Marreca.

Nome científico: *Querquedula discors*

Capturada em Cajapió, Estado do Maranhão. Comunicação para Washington, Wildlife Service. Fichada em Cleveland, Norte de

Dakota em 25 de julho de 1957 e capturada em 9 de junho de 1958.

5) Anilo 515-45789

Nome vulgar: Marreca.

Nome científico: *Querquedula discors*.

Fichada pelo "Wildlife Service-Washington, USA".

Capturada em 18-4-959 na Fazenda São Luís, Estado do Maranhão.

Comunicação para Washington sem resposta.

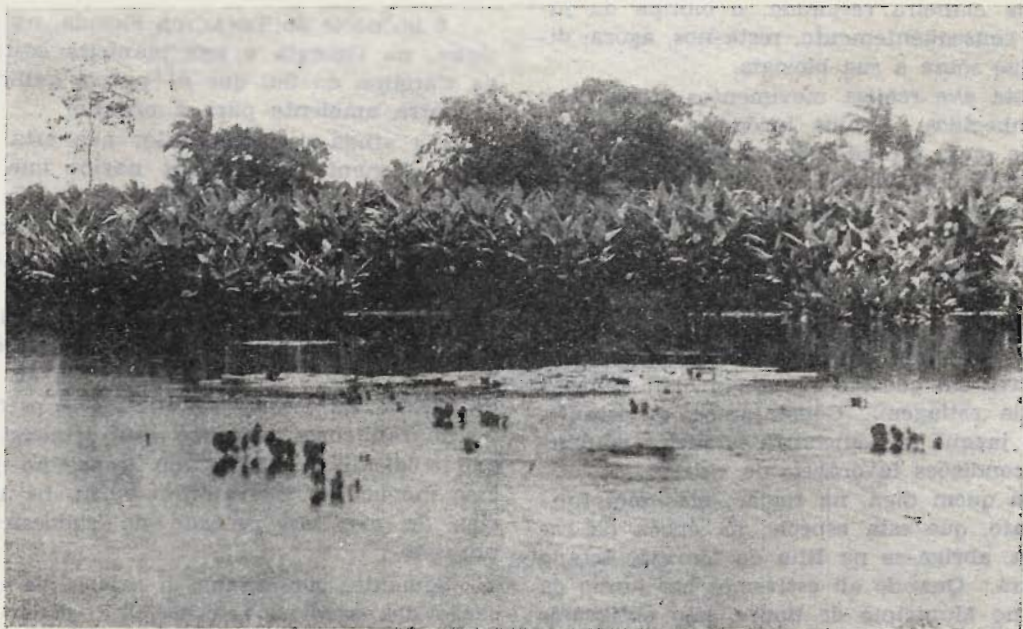
Voltando ao assunto das aves que vivem no mesmo ambiente da jaçanã, destaca-se, pela sua habitual freqüência, o *Passeriformes*, *Icteridae*, conhecido popularmente por graúna, coroadinho ou frade *Agelaius ruficapillus frontalis*.

Com referência aos mamíferos, somente ali habitam os que têm predileção pelos campos sujeitos a inundações periódicas, como sejam a capivara e a lontra. Constatamos, outrossim, a ocorrência de um pequeno rato avermelhado, que faz o ninho servindo-se das mesmas plantas utilizadas pela *P. martinica*, e, pelo aspecto externo, os ninhos confundem-se vistos de longe, diferindo apenas por ser o do roedor completamente fechado, salvo o orifício de entrada. Julgamos tratar-se de *Nectomys squamipes amazonicus* Her.

Quanto aos répteis, pudemos apenas determinar o lagarto comum *Tupinambis tequixin* e a jacarerana *Crocodilurus lacertinus*. Existem, entretanto, representantes das ordens dos lacertílios e ofídios que não travamos conhecimento, bem como uma ou duas espécies de jacarés.

Os quelônios são ali representados por uma espécie muito procurada pelos habitantes da região e que constitui objeto de comércio em São Luís, onde são muito apreciados na alimentação. Referimo-nos ao jurará *Kinosternon scorpioides*, conhecida na Amazônia por mussuã. A sua captura é feita pelo processo das queimas dos campos e, infelizmente, a mortandade, nessa ocasião, é grande.

Tendo descrito linhas acima o ambiente onde vive a *P. martinica*, isto é, alguns aspectos ecológicos da região, forçosamente somos levados a apresentar alguns dados sobre a sua climatologia. Assim transcreveremos o que nos informa a "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", Vol. III, pp. 74-76: "Das estações meteorológicas da planície maranhense, na sua porção litorânea, as temperaturas médias anuais são elevadas: S. Luís 26°3 e S. Bento 26°0. Quanto à temperatura média mensal alta, em S.L., atinge 27°2, em S.B.



Aspecto dos baixios maranhenses, podendo observar-se à margem do banhado, a planta de folha larga e lanceolada *Thalia geniculata* L., que é a principal fornecedora de alimento para a Jaçanã.

26°5, e a mais baixa, desce apenas a 25°3 em S.L. e 26°5 em S.B. A amplitude térmica neste litoral é portanto, muito reduzida, em virtude da ação regularizadora do oceano de S.L., a mais elevada, tem apenas 1°9. A variação mensal da temperatura média durante o ano prossegue a mesma em todo este litoral: em abril temos o mês mais frio e novembro e dezembro os mais quentes, antecedendo ao período chuvoso que tem início em janeiro. A estação seca prolonga-se de agosto a dezembro, porém, a estiagem mais rigorosa se verifica nos meses da primavera — setembro, outubro e novembro — quando a massa equatorial norte tem a sua posição mais setentrional, e, portanto, mais distante deste litoral, dominando na região, a massa equatorial atlântica com os alísios de sudeste, quentes e secos". Ainda citando a mesma obra: "Os totais anuais de precipitações atingem em S. Luís 2.083,7 mm com um máximo mensal de 440,3 mm em março e um mínimo em outubro de 9,2 mm. Em virtude de S. Bento estar um pouco mais para o interior, as precipitações são menos intensas: alcançam o total anual de 1.887,6 mm".

ASPECTOS BIOLÓGICOS

No capítulo anterior foi descrito, ainda que de maneira resumida, o biótipo da jaçanã, conseqüentemente, resta-nos, agora, dizer algo sobre a sua biologia.

Esta ave realiza movimentos migratórios desconhecidos. É uma incógnita, por exemplo, de onde procede e para onde vai depois de atingir o litoral maranhense. Supúnhamos que, na época da seca, isto é, nos meses de agosto a dezembro, procurasse os mananciais perenes mais próximos. Para confirmação deste nosso ponto de vista, fizemos especialmente uma viagem ao Município de Pindaré, onde existem várias lagoas, para verificar se a ave em questão refugia-se, ali, na ocasião da estiagem. Constatamos, entretanto, que a jaçanã não encontra naqueles mananciais condições favoráveis de vida.

Há quem diga, na região, mas sem fundamento, que esta espécie, na época da estiagem, abriga-se na Ilha do Marajó, Estado do Pará. Quando ali estivemos em junho de 1959, no Município de Soure, não obtivemos nenhuma informação favorável a esta suposição. Informaram-nos, entretanto, que no Lago Ararí, ela existe em apreciável quanti-

dade, mas que nidifica naquela localidade. Assim, não podemos prestar informes seguros sobre esta importante fase da vida da jaçanã, porque, em nosso país ainda não há um serviço aparelhado para realizar pesquisas sobre o hábito migratório dos animais silvestres.

Nos Estados Unidos da América do Norte, há mais de século, este assunto vem sendo estudado com a máxima dedicação. Assim, podemos citar as observações de ARTHUR CLEVELAND BENT contidas no Boletim n.º 135, 1926, US Nat. Mus. p. 349, sobre a "purple gallinule", como é chamada pelos americanos a jaçanã. Ficamos sabendo, então, que esta ave, que tem normalmente vôos curtos, de 30 a 40 metros, pode alcançar grandes distâncias quando, voando alto, segue direta ao rumo das glebas de sua preferência para procriação ou alimentação.

O referido biólogo cita observações casuais quando a jaçanã se afasta de seu *habitat* de criação.

Assim, diversos exemplares foram encontrados nas Ilhas Bermudas, afastadas 635 milhas do litoral americano. Também menciona os Estados de Missouri, Illinois, Indiana, Michigan, Colorado e Utah como regiões de ocorrências casuais. Como ponto extremo ao norte, cita Ontário e Quebec no Canadá.

É no norte do Texas, na Flórida, na Louisiana, na Georgia e nas planícies costeiras da Carolina do Sul que a "purple gallinule" encontra ambiente para a criação.

Diz ainda o citado autor que esta ave, freqüentemente, pousa nos navios que navegam em alto mar e, certa ocasião, um seu amigo recebeu três espécimens que foram apanhados a bordo, a 300 milhas da Ilha de Garelston.

Essas observações realizadas no citado país, nos anima a acreditar na possibilidade da *P. martinica* procurar abrigar-se na Ilha do Marajó, na ocasião em que secam os campos maranhenses, pois que, está demonstrado que a distância não é um impecilho para esse movimento migratório. Aliás, há notícias de que ela procede do sudoeste ou noroeste.

Somente, porém, com o serviço de marcação das aves na referida ilha, poder-se-á chegar a uma conclusão segura sobre o fato em estudo, pois, a jaçanã, sendo abatida em grande número no litoral do Maranhão, dá

o ensejo de serem encontrados, ali, os “anilos” de reconhecimento.

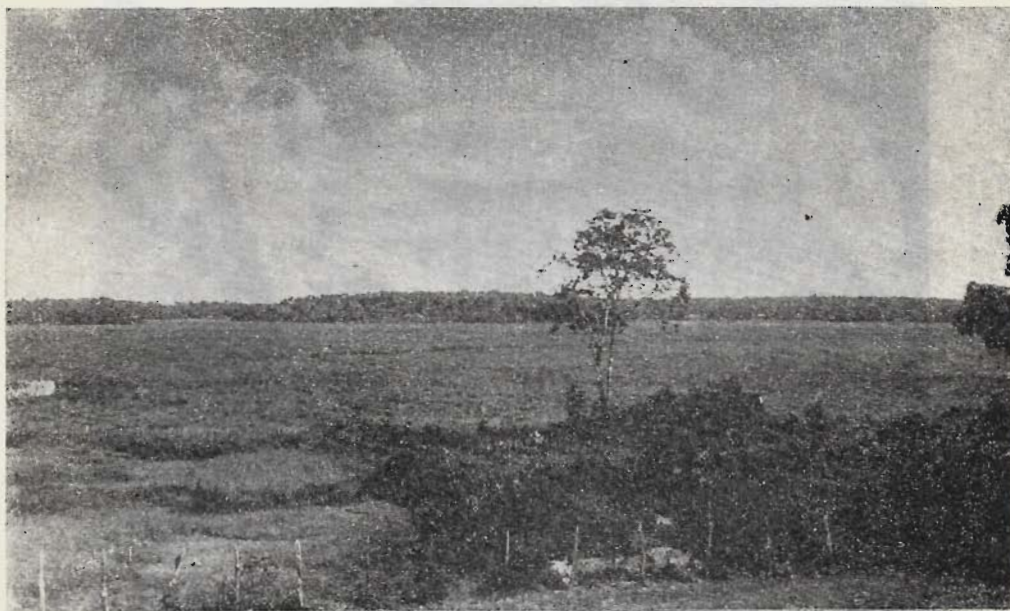
O fato é que, a jaçanã, conforme nos informaram, chega nos campos maranhenses, geralmente, no mês de janeiro ou de fevereiro, sempre à noite, em pequenos bandos, em dias chuvosos e ventosos, emitindo um canto que a denuncia. Chega comumente magra, o que lhe faculta, provavelmente, voar grandes distâncias, tangida por ventos favoráveis.

A postura desta espécie ocorre nos meses de abril, maio e junho, quando as condições climáticas correm normais. Nas estações de chuvas escassas, conforme aconteceu no ano de 1958, a postura atingiu o mês de julho. Permanece nessa região até outubro ou novembro.

cos, pintados de cor castanha, medindo 40 x 27 mm. Vimos, entretanto um ninho com 8 ovos. O tempo de incubação é de 15 a 16 dias. Só faz uma postura por ano.

Os pintos nascem completamente pretos, apresentando apenas o bico com a ponta branca. Depois de um mês de nascidos, a cor torna-se parda, passando a esverdeada à medida que vai crescendo. Antes de tomar a sua coloração definitiva, mas já quase no seu tamanho natural, podemos descrevê-la da seguinte maneira: dorso e cabeça cor oliva-esverdeada, garganta esbranquiçada, peito castanho-claro, ventre e criso brancos, pernas amareladas, bico oliva-escuro e placa escudal da cabeça escura.

Para chegar à sua plumagem definitiva necessita de seis meses e apresenta-se com



Panorama mostrando, parcialmente, os campos maranhenses do litoral, observando-se, ao fundo, as “ilhas de mato”.

O ninho é construído acima da superfície d'água, numa altura que varia de 15 a 40 centímetros. Observamos, apenas, um ninho feito quase rente à água. O material para a sua construção é composto das plantas conhecidas regionalmente por “fôlha”, “canarana” e “capim andraquicé”, sendo estas duas últimas gramíneas citadas empregadas para o trançado do ninho, enquanto que a “fôlha” serve para suportá-lo e protegê-lo.

A postura é, em média, de 6 ovos bran-

a parte superior do corpo verde-escuro, escudo da cabeça azul acinzentado, bico com a ponta amarela-esverdeada e o restante avermelhado. Asas, cabeça, nuca e parte inferior azuis, coberteiras inferiores da cauda brancas.

Depois de examinarmos um apreciável número de indivíduos, procedendo o indispensável exame no aparelho reprodutor, concluímos que há um imperceptível dimorfismo sexual externo nesta espécie, isto é, o escudo

da cabeça do macho é mais largo do que o da fêmea.

Fizemos várias coletas de conteúdo gástrico da jaçanã, para o conhecimento de seu regime alimentar. O dito material foi estudado pelo Dr. OTTO SCHUBART, biologista da Estação Experimental de Biologia e Piscicultura de Pirassununga, Estado de São Paulo, e cujo resultado vai ser publicado em trabalho especializado, à parte, juntamente com centenas de outros exames estomacais. Podemos, entretanto, assim resumir: granívora e herbívora, alimentando-se, ainda, de peque-

Quando criada em cativeiro, alimenta-se como um galináceo doméstico, mas não se adapta ao regime de clausura, havendo necessidade de cortar-lhe uma das asas para não fugir. Em compensação, a jaçanã-galo *Gallinula chloropus galeata* (Licht.), suporta melhor a vida cativa. Tivemos conhecimento de que, criada em quintal, a jaçanã vive até 8 anos.

DISPERSÃO ZOOGEOGRÁFICA — A jaçanã vive numa vasta região do continente americano. A sua ocorrência, a começar pela parte norte, é notada, ocasionalmente, desde



Ninho de Jaçanã com 7 ovos construído numa touceira da marantácea conhecida na região por "fôlha" *Thalia geniculata* L.

nos insetos da Ordem *Coleoptera*, com mais freqüência espécimes da Família *Curculionidae*, e *Molusca* (Bivalva). São, porém, nas duas espécies da Família *Maranthaceae*, conhecidas por "fôlha" *Thalia geniculata* L. e *T. multiflora*, que a referida ave colhe a maior porção de seu alimento, retirando de suas espículas um grão semelhante ao do arroz.

o sul do Canadá; nos Estados Unidos, a região de criação abrange os estados da Carolina, Flórida, Georgia e Lousiana, distribuindo-se, ainda, pelo Arizona, Missouri, Indian e Texas, conforme nos informa A.C. BENT, já citado.

Em prosseguimento à dispersão desta ave no continente americano, citamos o Professor OLIVÉRIO PINTO, Catálogo das Aves do Brasil, São Paulo — 1.^a parte: "o México, a

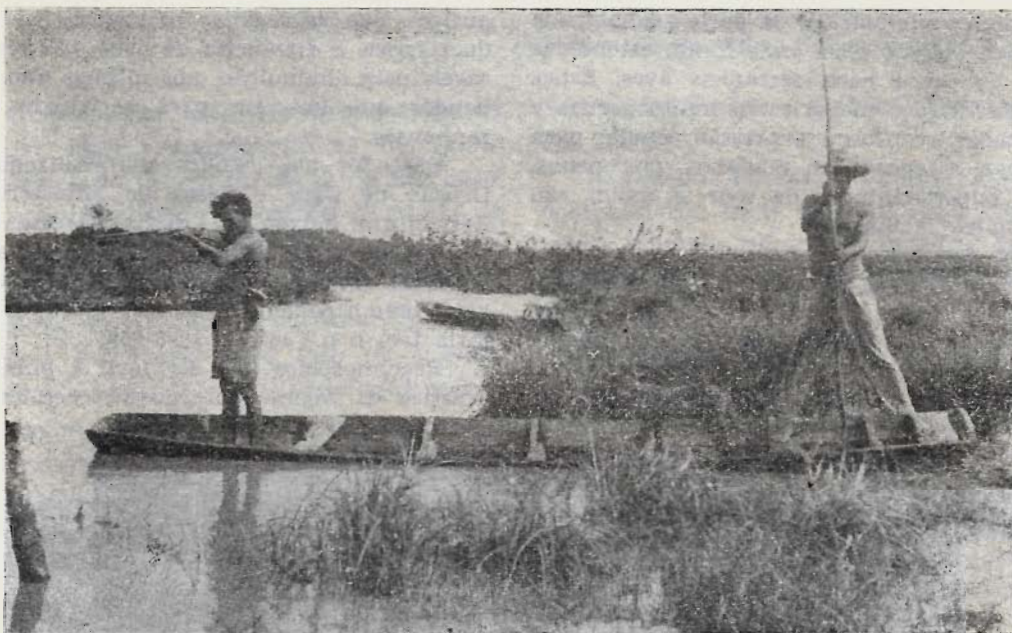
América Central e toda porção septentrional da América do Sul (Colômbia, Trindade, Guianas, Equador, Perú) até o Paraguai e o Norte da Argentina (Chaco, B. Ayres), incluindo todo o Brasil”.

No Estado do Espírito Santo, no Vale do Rio Doce e no Parque de Reserva e Refúgio de Animais Silvestres “Sooretama”, localizado em Linhares, temos observado este “fran-

VÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO: Classe AVES — Subclasse NEORNITHES — Superordem NEOGNATHAE — Ordem GRUIFORMES — Subordem GRUES — Superfamília RALLOIDEA — Família RALLIDAE — Gênero PORPHYRULA Blith. — Espécie MARTINICA (Linnaeus).

CAÇA

A caça da jaçanã obedece a vários sis-



Dois caçadores, um cachorro prático e uma canoa “maneira”, o suficiente para abater meia centena de Jaçanãs numa caçada.

go d’água” nos banhados e margens de rios, vivendo aos caçais, juntamente com a “piaçoca” *Parra spinosa jacana* (L.) e a “saraçura” ou “sericória três potes” *Aramides cajanea cajanea* (Mull.), nidificando nesses locais. É freqüentador dos arrozais cultivados, buscando nos grãos desta gramínea, grande parte de sua alimentação.

POSIÇÃO SISTEMÁTICA — A *Porphyrula martinica* (L.), conhecida no Estado do Maranhão por “jaçanã” e, nos outros Estados, por “frango d’água”, tem a seguinte posição na sistemática geral, de acordo com a classificação proposta por WETMORE, conforme consta do vol. XXII da série da Revista do Museu Paulista, Catálogo das Aves do Brasil, da autoria do ilustre ornitologista e Diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Dr. OLI-

temas, dependendo, principalmente, da maior ou menor quantidade de água nos campos, o que determina as caçadas individuais ou por equipe.

No Município de São Bento, praticamente, todo homem válido dedica-se à caça da ave em aprêço.

As caçadas com espingarda são realizadas nos meses de março a abril, nos anos de chuvas normais. Posteriormente, quando as águas abaixam mais, a captura obedece ao sistema de “boiada” descrita mais adiante.

A arma empregada, é do tipo de carregar pela boca e o caçador a utiliza, geralmente, de dentro da canoa impulsionada por um companheiro. Atira na ave quase sempre em vôo. Um caçador, por este processo, pode abater cerca de 50 aves por dia, sendo que o

cão amestrado auxilia na apanha da ave morta ou ferida. Os ovos, nesta ocasião, são também colhidos e utilizados na alimentação dos habitantes regionais.

O sistema de "boiada", é praticado nos meses de julho a setembro, quando os campos estão com pouca água. Em um local previamente escolhido, um grupo de cerca de dez homens, distanciados uns dos outros de dez a quinze metros, seguem na mesma direção, fazendo grande alarido, da parte semialagada para um terreno seco, onde foram estendidas redes de pesca para cercar as aves. Estas, que nos citados meses estão muito gordas e "desazadas", conforme expressão popular para designar a época da mudança das penas, ficam impossibilitadas de voar, e, assim, são capturadas facilmente.

Por este processo, podem ser apanhadas até 1.500 aves de uma só vez, as quais são repartidas entre os componentes do grupo. Em São Bento, informaram-nos que podem ser realizadas até 15 "boiadas" por dia. É óbvio esclarecer, que esta quantidade não se

canãs abatidas durante uma safra. Procuramos, entretanto, obter informações em fontes diversas e chegamos à seguinte estimativa: nos municípios de São Bento, São Vicente Ferrer, Viana, Perimirim, Cajapió e Anajatuba, são abatidas, anualmente, de 150.000 a 200.000 aves, sendo que, o primeiro citado, fornece maior quantidade.

MEDIDAS DE PROTEÇÃO — É voz geral, principalmente entre os caçadores mais antigos, que as caçadas realizadas em qualquer época e a colheita de ovos, são responsáveis pela diminuição, nos últimos anos, dos bandos que imigram para os baixios maranhenses.

Baseados nos estudos que realizamos, a Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura, baixou uma portaria regulamentando a caça, ou seja, proibindo-a nos meses de abril, maio e junho, época da procriação, bem como a colheita dos ovos. A citada portaria tem o n.º 137 de 18-8-959.

Reconhecemos não ser fácil a imposição drástica da regulamentação da caça da ave



Jaçanã *Porphyrula martinica* (L.). Imigra para os baixios do litoral maranhense e é largamente consumida em São Luís.

repete diariamente, mesmo porque, este sistema só é bem sucedido nos dias quentes, ensolarados.

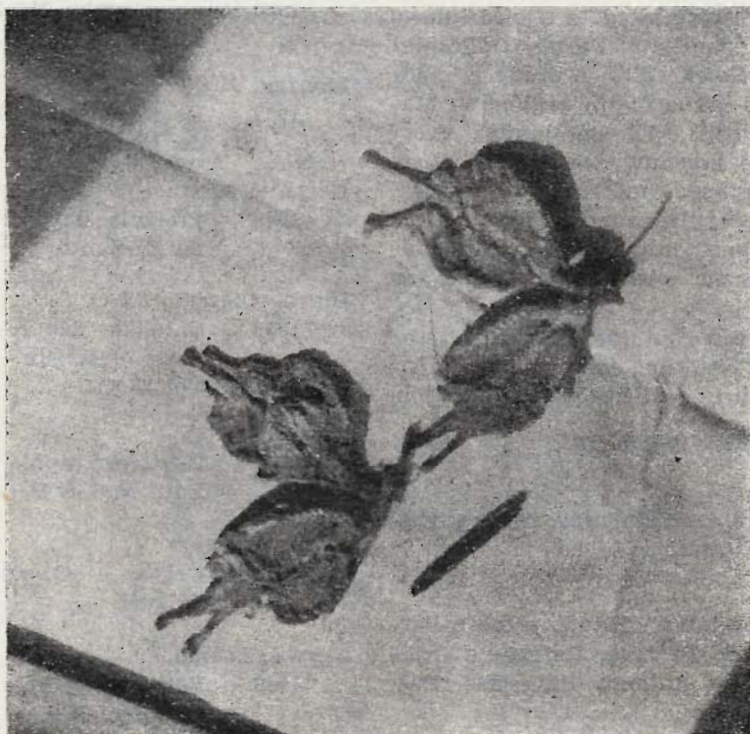
Por ausência absoluta de estatística, não podemos apresentar um número certo de ja-

em estudo, pois a sua matança, sem nenhuma restrição, é prática que vem sendo realizada em um período de tempo que se perde nos primórdios da civilização maranhense, e não duvidamos ter sido um hábito her-

dado dos aborígenes que habitaram aquelas paragens.

Assim, julgamos que, nos primeiros anos, deve ser feita uma campanha educativa e de persuasão entre os habitantes dos municípios acima citados, visando a proteção da espécie, porque, segundo sentenciou o emérito biólogo R. IHERING, "mais vale usufruir racionalmente durante toda a vida, que liquidar estupidamente em poucos anos".

Finalizando o presente trabalho, manifestamos de público os nossos agradecimentos às pessoas que cooperaram conosco para atingirmos o nosso objetivo: ao Dr. Ascanio Faria, Diretor da D.C.P., por ter-nos facilitado nosso empreendimento; ao biólogo Dr. Otto Schubart, pelo trabalho de determinação científica do conteúdo estomacal dos espécimes estudados; ao Sr. Gaudêncio Sales Lopes, por nos proporcionar, gratuitamente, várias



Dois "pares" de Jaçanã em estado sêco-salgado, tal como é comercializado em São Luís.

Pre vemos que, no dia em que forem realizadas as obras de recuperação das terras dêsses campos para a cultura do arroz, principalmente disciplinando suas águas, bem como, intensificando a pecuária com a introdução de reprodutores bovinos adaptados aos campos húmidos, a jaçanã deixará de ser a causa de intenso comércio regional, passando a ser, apenas, uma distração esportiva. Assim é que, o homem dedica-se, atualmente, aos misteres da caça, por não encontrar um meio de vida mais rendoso; porém esta prática desaparecerá se houver o fomento agro-pecuário da região.

viagens em taxi-aéreo pelos municípios vizinhos de S. Luís a fim de realizarmos nossas pesquisas; ao ilustre médico, Dr. Fernando Viana e sua Exma. esposa Da. Maria de Lourdes, pela fidalga hospedagem em sua fazenda Canaã, em Perimirim; ao naturalista espontâneo Sr. Clovis Couto Bacelar, pelas preciosas observações sobre a fauna e flora regional; à Da. Terezinha de Jesus da Silva, pelo paciente trabalho de coordenar e datilografar os manuscritos; à naturalista do Jardim Botânico, Da. Graziela Barroso, pela determinação científica do material botânico que serviu ao presente estudo.

SUMMARY

We are told by the author that in Brazil only a very few wild birds are hunted for commercial or food purposes.

While on a visit to the State of Maranhão, he found that in São Luís a species of wild bird was being dry-salted and sold in the market. As this is very unusual custom for this country, he decided to publish his observations in this respect.

These notes are related to a bird known locally as the "Jaçaná" (Purple Gallinule) *Porphyryula martinica* (L.). A study is made of the flora and fauna of the regions in Maranhão where this bird immigrates every year during the breeding season and there are also observations concerning its biology. Mention is made of the areas of the Americas where the "Jaçaná" inhabits, its casual migrations and some observations made in the USA.

This work also contains remarks on the various regional hunting systems as well as protection measures for the bird in question.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, F.
1931 — Terra das Palmeiras. Editôra: Oficina Gráfica. 1.^a ed.
- AGUIRRE, A.
1951 — "Sooretama". Estudo sôbre o Parque de Reserva, Refúgio e Criação de Animais Silvestres. Pub. Imp. Nac.
- AGUIRRE, A.
1954 — A Caça e a Pesca no Vale do Rio Doce. Estado do Espírito Santo. Pub. do M. da Agricultura.
- AUDUBON, J.P.
1944 — The Birds of America. Published by the Macmillan Company. N.Y.
- BENT, A.C.
1926 — Life Histories of North American Marsh Birds. Bull. U.S. Nat. Mus. N.º 135.
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros
1957 — Vol. III. IBGE.
- IHERING, H. VON
1898 — Revista do Museu Paulista. Vol. III. Tip. Hennies Irmãos. S.P.
- IHERING, R. VON
1940 — Dicionário dos Animais do Brasil. Secret. da Agricultura, Ind. e Com. do E. de S.P.
- LOFGREN, A.
1917 — Manual das Famílias Naturais Phanerogamas. Imprensa Nacional. R.J.
- LOPES, R.
1936-1938 — Torrão Maranhense. Bol. do M. do Trab. N.º 28 a 49.
- MOOJEN, J.
1952 — Os Roedores do Brasil. Inst. Nac. do Livro.
- NEIVA, A.
1940 — Prefácio em Pássaros do Brasil do E. Santo.
- PINTO, OLIVÉRIO M.O.
1938 — Catálogo das Aves do Brasil. 1.^a parte. Revista do Mus. Paul. Vol. XXII.
- SAMPAIO, A.J.,
1934 — Phytogeographia do Brasil. Cia. Edit. Nac. S.P.
- SANTOS, EURICO
1950 — Caças e Caçadas. Editores F. Briguet.
- SANTOS, EURICO
1940 — Pássaros do Brasil. Briguet & Cia. Editores. R.J.
- SICK, H.
1960 — Notas sôbre *Falco peregrinus anatum* Bonaparte (Falconidae, Aves). Pub. do Mus. Nac. R.J.
- SNETHLAGE, E.
1911-1912 — Catálogo das Aves Amazônicas. Bol. do Museu Paraense. Pub. de A. Hopfer, Burg — Alemanha.
- SNETHLAGE, EMIL H.
1927-28 — Meine Reise dush Nordostbrasilien I/III, Journal fur Ornithologie, N.º XXV-XXVI.
- T. DE CARVALHO, CORY
1957 — Alguns Mamíferos do Acre Ocidental. Bol. do Mus. Paraense. Nova série. N.º 6, agosto.